

# 2

## REPRESENTAÇÕES DO NORDESTE ATRAVÉS DA CULTURA

Lourivânia Santos

Jornalista (Faculdade Social da Bahia), mestranda no  
PÓS-CULTURA (UFBA).

# TRACTRESUMOABSTRACTRESUMOABSTRAC

**Resumo** O presente artigo tem como objetivo refletir sobre a representação do Nordeste por meio da abordagem teórica da "invenção" dessa região, com base em Durval Muniz de Albuquerque Jr, e discutir como a produção cultural e artística influenciou a construção do imaginário sobre esse espaço regional.

**Palavras-chave** Cultura, Identidade, Representação, Nordeste

**Abstract** This article aims to reflect on the representation of Northeast through the theoretical approach of "invention" of this region, base don Durval Muniz de Albuquerque Jr, and discuss how the cultural and artistic production influenced the imagination of this regional space.

**Keywords** Culture, identity, representation, Northeast.

O Nordeste é uma das regiões que mais desperta o interesse dos pesquisadores brasileiros, haja vista o número de produções que versam sobre esse recorte espacial. Um detalhe, no entanto, chama atenção quando paramos para analisar esse lugar: o bombardeio de imagens clichês que reforçam a concepção enviesada de um Nordeste pobre, miserável, de natureza inóspita e cruel. Paradoxalmente, o Nordeste do sol escaldante e convidativo ao turismo, da natureza generosa, das tradições genuinamente brasileiras também aparece em algumas ocasiões. Como analisar duas representações tão díspares? Neste texto, procura-se discutir a influência da produção cultural naquilo que Durval Muniz de Albuquerque Jr. denomina "Invenção do Nordeste", região que só foi institucionalizada oficialmente no início do século XIX.

As manifestações culturais e artísticas desde a Antiguidade estão presentes na vida da sociedade. Dentro de um determinado contexto cultural, elas narram histórias, concepções de mundo, comunicam sobre papéis e relações de poder entre seus integrantes, ou seja, propiciam, pela forte carga simbólica, um modo de ver dos indivíduos sobre si próprio e o outro. A arte, pode-se dizer, é um poderoso veículo de transmissão de informações que, ao mesmo tempo, pode ser um elemento de construção e desconstrução de ideias, valores, representações sociais e objeto de denúncia. E essa forma de expressão cultural também revela muitos aspectos da identidade do povo representado e de seu espaço.

No estudo que tomamos como base, o historiador analisa, por exemplo, como a arte, a literatura, e o jornalismo contribuíram de forma convergente para a construção de um imaginário sobre o Nordeste. Evidencia que essa região é uma elaboração engendrada nas relações de poder, fruto do "entrecruzamento de práticas e discursos regionalistas" de uma série de atores sociais. Longe de ser um mero recorte espacial ou uma simples delimitação político-administrativa, a região é, portanto, produto de uma construção cultural e, por conseguinte, figura como objeto de disputa, como é característico das relações de poder.

Um olhar pelo desenvolvimento do conceito região no âmbito dos estudos geográficos mostra que a definição de uma região como uma simples "diferenciação de áreas" tornou-se obsoleto há muito tempo. Isso porque "região" mesmo dentro das correntes de pensamento geográfico passou a ser analisada não somente do ponto de vista físico, mas como resultado da intervenção do homem na natureza, do sistema econômico, das relações sociais ali circunscritas. Em meados do século XIX, por exemplo, a região é considerada como uma criação intelectual (CÓRREA, 1997, p.186). A partir dos anos 1970 esse conceito passa por um novo debate, com o aparecimento da geografia crítica, fundamentada no materialismo histórico e dialético. Nesse paradigma novos conceitos agora são formulados por geógrafos e não geógrafos, ou seja, pessoas interessadas em compreender os processos e a dinâmica das desigualdades sociais e econômicas que envolvem as regiões. Os aspectos

trazidos pela geografia crítica mostram que para além das definições técnicas, uma região tem seus condicionantes de diferentes dimensões (política, social, econômica e cultural).

Para Castro (1987, p. 34) "a região é modelada pelas imposições objetivas da natureza e da sociedade, e re-definida pelas imposições subjetivas das relações de poder". É a partir da observação de um conjunto de práticas discursivas que Albuquerque Jr. explica sua versão de como se moldou o Nordeste, região tecida lenta e sutilmente numa correlação de discursos convergentes. O linguístico, o histórico e o geográfico constituem aspectos de análise para o estudioso, pois a construção do Nordeste para ele se dá na confluência de diversas áreas e de uma rede de relações de forças que a envolve. O destaque é a influência da produção artística, consideradas pelo autor como discursos e produtoras de realidade, e com grande impacto sobre a sociedade. Elas seriam "máquinas de produção de sentidos e significados". "Elas funcionam proliferando o real, ultrapassando sua naturalização. São produtoras de uma dada sensibilidade e instauradora de uma dada forma de ver e dizer a realidade" (ALBUQUERQUE JR., 2009, p. 41).

É por isso que ele ressalta o papel de artistas e escritores na construção da ideia dessa região.

O espaço nordestino vai sendo dotado de uma visibilidade e de uma dizibilidade; desenhado por um agrupamento de imagens rurais ou urbanas, do litoral ou do sertão, domadas em sua diversidade pelo trabalho integrativo de poetas e escritores. (ALBUQUERQUE JR., 2009, p. 134).

Assim, um conjunto de trabalhos e uma série de discursos articulados contribuíram na construção da representação dominante do Nordeste e na sua invenção, sendo preciso fazer uma incursão por conceitos, enunciados e imagens que lhe deram origem.

A "Invenção do Nordeste" também está relacionada, de acordo com o pesquisador, ao processo de fortalecimento do nacionalismo brasileiro, que tinha entre seus objetivos criar uma feição para o país. Até então, pouco se sabia sobre as regiões e populações interioranas, em virtude do ainda rudimentar sistema de transporte e do incipiente sistema de comunicação.

Entre a década de 1920 e 1940 torna-se bastante corriqueiro a visita de especialistas e de curiosos aos mais variados cantos do Brasil, em especial à região Nordeste. Nos jornais, notinhas de viagem que faziam aguçar ainda mais a curiosidade dos leitores sobre esse território ainda não desbravado. O que se destaca desse período, porém, era que as pessoas que tinham o poder da expressão, que detinham poder de voz nos jornais, costumavam tomar seus costumes como referências de nacionalidade, enquanto os outros locais eram considerados "estranhos e bizarros" (ALBUQUERQUE JR., 2009, p. 54).

Relatos desse tipo, comuns nos jornais da época, vão estabelecendo certas características como discursos homogêneos acerca de determinados lugares e a partir de alguns deles se tecerá a figura do paulista e do nordestino (diga-se São Paulo e Nordeste). É dessa forma que a concepção de inferioridade do Nordeste vai sendo erigida em contraposição a de São Paulo, considerado superior em todos os seus aspectos. Essa marca será explorada mais ainda considerando-se que nesse período, a chegada dos europeus (quando o fim da escravidão cedia lugar à imigração) e o desenvolvimento da industrialização, faziam de São Paulo o oásis do Brasil (ALBUQUERQUE JR, 2009, p.54). Enquanto isso o Norte/Nordeste sofria cada vez mais com a decadência de sua agricultura, agravada pela crise internacional e concorrência dos mercados estrangeiros, levando-a a se tornar cada vez mais dependente economicamente dos estados do Sul. Isso também abalou o prestígio político desfrutado pelas elites nordestinas à época.

No entanto, essa discrepância era justificada pelo fator raça/meio, a influência do determinismo ambiental e da evolução das espécies se fazia presente. Assim, a justificativa para a superioridade do Sul, diga-se São Paulo, era que o estado apresentava o ambiente propício ao desenvolvimento e em razão da sua gente europeia, enquanto o Nordeste era inferior em virtude da própria natureza e do seu povo (ALBUQUERQUE JR, 2009, p. 56) apresentado como apático e inerte.

Esse discurso se filia às concepções discriminatórias defendidas por Nina Rodrigues, que acreditava ser o progresso de uma terra e o subdesenvolvimento da outra, consequência dos povos que a habitavam. Na concepção dele, enquanto no Norte, predominava "o mestiço indolente, inerte, subserviente", no Sul, "o elemento branco, forte, empreendedor, dominador" prevalecia (ALBUQUERQUE, p. 70).

E foi com base nestes argumentos, especificamente do meio, que as elites políticas nordestinas se agarraram ao perceberem que o discurso fatalista da seca era algo que mobilizava e sensibilizava. Sendo assim um interessante artifício para angariar recursos e obras governamentais. Tem-se aí os primeiros ensaios para a institucionalização do Nordeste como "região-problema" e a fundação da "indústria da seca". Castro afirma que o discurso da seca se constituiu como verdade quase inquestionável diante do modo em que foi apresentado e absorvido. "O discurso da seca foi competentemente elaborado, divulgado e assimilado. Quaisquer outras relações causais tinham dificuldade de se impor como idéia corrente" (p. 1987, p. 60)

## A PRODUÇÃO ARTÍSTICA E A REPRESENTAÇÃO DO NORDESTE

Ao lado dos jornais, a produção artístico-cultural exerceu um papel fundamental na construção da representação do Nordeste, sobretudo o Movimento Regionalista e Tradicionalista que teve entre seus principais expoentes o sociólogo Gilberto Freyre. Além de defender a institucionalização do Nordeste, o movimento freyreano, que irá se consolidar com o Congresso Regionalista de Recife, realizado em 1926, foi responsável por articular toda uma produção discursiva cuja missão era enfatizar a riqueza cultural da região Nordeste como fonte dos elementos autênticos de representação da cultura nacional. O Movimento regionalista encabeçado por Freyre surgiu não só com esse propósito, mas também como reação à perda do prestígio político enfrentado pela região, fruto da decadência do seu principal produto econômico, a cana-de-açúcar, o que tornava-a cada vez mais dependente do Sul. Entre os principais autores dessa geração se destacam, além do próprio Gilberto Freyre, Rachel de Queiroz, José Américo de Almeida e José Lins do Rego. Suas obras têm em comum a preferência por temáticas regionais, a visibilidade aos problemas sociais e o caráter documental.

Na opinião de Zaidan Filho, a engenharia produzida pelo movimento regionalista para forjar uma identidade cultural denominada de "brasilidade nordestina" serviu paralelamente ao reforço de aspectos conservadores, oligárquicos e tradicionalistas. Numa crítica a Gilberto Freyre, ele diz que "o que ficou conhecido como "brasilidade nordestina" na verdade foi um conjunto de estratégias de um "verdadeiro intelectual orgânico para garantir uma sobrevivência, no plano de uma economia simbólico-cultural, para as oligarquias decadentes de nossa região" (2001, p. 11). Sua opinião nesse sentido se revela por entender que o discurso perpetrado pelo regionalismo servia de mais um mecanismo para a elite tradicional abocanhar recursos.

Até mesmo artistas e escritores que não necessariamente estavam ligados à literatura regionalista, embora tivessem intenção de denunciar a exploração e a miséria as quais o povo estava submetido, acabaram por reforçar os estereótipos difundidos sobre a região. Estamos nos referindo a autores como Graciliano Ramos e João Cabral de Melo Neto, cujas obras *Vidas Secas* e *Morte e Vida Severina* abordam o drama das secas, ainda são propagadas unilateralmente como retrato da região. Essa prática contribui para evidenciar apenas um lado da questão, omitindo a riqueza cultural e as potencialidades dessa região e sem problematizar as condições históricas e sociais que originaram suas desigualdades econômicas em relação às outras áreas do país.

Em situação semelhante, podemos citar um dos mais expressivos cantores e compositores da região nordestina, o sanfoneiro Luiz Gonzaga. Suas canções inesquecíveis tratam do sertão, dos seus costumes e da saudade, também podem ser lidas por óticas diferentes, sendo considerados ora como uma representação positiva dessa terra, ora negativa. No entanto, há que se considerar a importância do sanfoneiro na projeção do Nordeste, em especial da identidade sertaneja, sua principal referência. Aliás, o Sertão é o tema que ele elege para maioria das suas obras, destacando a batalha do sertanejo na luta diária pela sobrevivência e suas características de gente forte e trabalhadora (SANTOS, 2004).

Para Silva (2009), a produção de Luiz Gonzaga incidiu no fortalecimento da imagem já construída do Nordeste das tradições rurais, enfocando o sofrimento, mas ao mesmo tempo mostrando um lugar querido para onde se queria voltar. Já Ferreti (apud Silva, 2009, p.51) observa que as músicas do cantor, serviam de conforto aos migrantes, funcionando como um restaurador de suas energias, dando-lhe força para enfrentar os obstáculos da discriminação e o culto às suas tradições.

Assim como na literatura, a pintura de Cícero Dias, Lula Cardoso Ayres, além de Cândido Portinari, e outros representantes da classe artística vão influenciar a representação do Nordeste. Outra expressão que merece destaque é a produção cinematográfica localizada no período cinemanovista, que surge com a perspectiva idealista de desvendar a realidade brasileira e servir como instrumento de conscientização popular. De acordo com Albuquerque Jr., esse cinema caracteriza-se pela seleção dos temas nacionais e pela exposição dos problemas estruturais do país "de forma realista e pedagógica" (p. 305). Ressaltamos que o Nordeste apresentado pelo Cinema Novo aparece "como um espaço homogeneizado pela miséria, pela seca, pelo cangaço e pelo messianismo" (ALBUQUERQUE JR, 2010, p. 311), através de imagens impactantes e chocantes, com o intuito de despertar uma ação social contestadora, transformadora. São produções desse período os filmes *Vidas Secas*, adaptado do livro já citado, e *Deus e o Diabo na Terra do Sol*. A tentativa dos ideários do Cinema Nova de engendrar um processo social de mudanças estruturais na mentalidade da população brasileira, no entanto, fracassa e acaba, paradoxalmente, servindo aos objetivos espúrios da elite dominante. Fazendo uma análise da atuação de Glauber, um dos expressivos nomes desse movimento cultural, mas que pode aplicar a todos aqueles que sonharam com um projeto diferente, Albuquerque afirma que o cineasta,

[...] termina por atualizar os mitos, os temas, os enunciados e as imagens que construíram a região, subordinando-a a uma outra estratégia política, a de servir como espaço denúncia, espaço-vítima da sociedade capitalista e da dominação e alienação burguesas, mas também a de ser espaço de onde se esperava o futuro, o território da revolta que já havia entusiasmado Jorge Amado, que havia sido sonhado por Graciliano Ramos, por João Cabral de Melo Neto, O Nordeste, do



---

discurso dos intelectuais de esquerda, termina por estar preso à mesma trama imagética e enunciativa da visão conservadora, saudosa e romântica que o constitui; termina por atualizar imagens e enunciados há muito tempo usados pelas oligarquias locais no seu discurso da seca, para conseguir a piedade nacional (ALBUQUERQUE JR, 2010, p. 327).

Sobre as considerações aqui tecidas é preciso esclarecer que essas formulações não podem ser analisadas como ações conspiratórias, mas também não podemos deixar de observá-las como enunciados portadores de significados e que estão inseridos dentro de uma lógica marcada pelas relações de poder que de alguma forma atuam na construção das representações sociais. Julgamos necessário, no entanto, considerar as construções culturais em todo o seu processo de formulação como edificações que devem ser sempre postas em questionamento. Isso pode ser ilustrado com base no olhar sobre os vários movimentos que eclodem constantemente em favor dos direitos sociais, dos direitos das mulheres e especificamente da desconstrução do Nordeste como "região-problema". A produção discursiva massificante e unívoca, que superdimensiona a miséria e a pobreza em detrimento de outros aspectos, reforça a condição de subalternidade, diminui as potencialidades dessa região, enfraquece a autoestima da sua gente e impede a criação das condições necessárias para a mudança social.



---

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2009.

CASTRO, Iná Elias de. **O Mito da Necessidade**: discurso e prática do regionalismo nordestino. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

SANTOS, José Farias de. **A música como expressão do Nordeste**. São Paulo: IBRASA, 2004.

SILVA, Claudeci Ribeiro da. **A Representação do Nordeste nas letras das músicas da cantora Marinês** - 2009. Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade) Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

ZAIDAN, Filho, Michel. **O fim do Nordeste e outros mitos**. São Paulo: Cortez, 2001.